

---

## 7.2. Como é que as empresas exportadoras reagiram à crise?

---

*Paulo Soares Esteves, Miguel Portela, António Rua*

### 1. Motivação

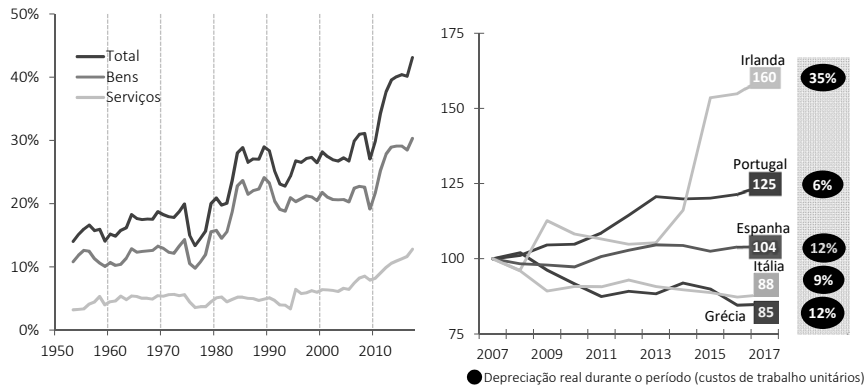
As exportações portuguesas quer de bens quer de serviços registaram um comportamento notável na última década, em particular durante a crise económica e financeira, contribuindo assim para o crescimento da economia. Este comportamento não foi observado noutros países europeus que também foram afetados pela crise internacional, pelo que a sua compreensão pode ser crucial para avaliar o (in)sucesso dos respetivos programas de ajustamento.<sup>47</sup>

O assinalável desempenho das exportações portuguesas pode ser ilustrado pela evolução do seu peso no PIB (Figura 54a). Depois de permanecer estável entre 25 e 30 por cento desde a segunda metade dos anos 80, este indicador aumentou significativamente nos últimos dez anos, alcançando um valor de cerca de 45 por cento em 2017 (veja-se Banco de Portugal (2017) para uma análise da evolução recente do grau de abertura da economia portuguesa ao comércio internacional).

Naturalmente, este tipo de indicador é influenciado por um efeito denominador, dada a expressiva queda do PIB durante a crise. No entanto, outros indicadores apontam no mesmo sentido. A quota de mercado das exportações aumentou 25 por cento desde 2007 (Figura 54b). Com a exceção da Irlanda, este desempenho foi claramente mais favorável do que o observado noutros países europeus também afetados pela crise. Esta evolução não pode ser explicada por alterações de preços relativos, na medida em que a evolução da taxa de câmbio real efetiva não justifica nem o comportamento das exportações

---

<sup>47</sup> A importância da reação das exportações foi imediatamente destacada em 2010, num memo do FMI datado de 4 de Maio do economista-chefe Olivier Blanchard para Poul Thomsen, diretor do departamento europeu do FMI, citado em Blustein (2016): "...*In the absence of a strong export rebound, there is nothing that can support growth against the negative contribution of public sector...with a recession deeper and longer than projected, followed by a period of sluggish growth...*".



(a) Exportações/PIB

(b) Quotas de mercado, 2007=100

Figura 54: Rácio exportações/PIB e quotas de mercado das exportações

Fontes: AMECO, INE e Pinheiro (1999).

portuguesas nem as diferenças de performance das exportações dos vários países (com a exceção da Irlanda).

Esta secção argumenta que o comportamento das exportações portuguesas esteve relacionado com o forte choque negativo da procura interna. De uma forma simples, perante condições adversas no mercado interno, as empresas portuguesas procuraram reorientar as suas vendas para o mercado externo. Deste modo, a crise acabou por proporcionar condições para um maior aprofundamento do processo de internacionalização das empresas portuguesas.

Esta perspetiva é suportada por investigação aplicada recente. Do ponto de vista macroeconómico, foi documentado que este efeito é significativo e que a relação entre exportações e procura interna é assimétrica sendo mais forte quando a procura interna diminui, sugerindo que os ganhos de quota de mercado não serão revertidos aquando da recuperação da economia. Do ponto de vista microeconómico, também foi encontrada uma relação negativa com base em dados ao nível da empresa. Adicionalmente, os resultados sugerem que esta relação depende do setor de atividade e da dimensão da empresa.

## 2. Da perspetiva macroeconómica para os dados ao nível da empresa

Com base em dados macroeconómicos, os resultados empíricos disponíveis apontam para uma relação negativa entre procura interna e exportações. Com efeito, Esteves e Rua (2015) apresentam evidência dessa relação para a economia portuguesa, utilizando

dados trimestrais de 1980 até 2012. Mais ainda, Bobeica *et al.* (2016) estenderam esses resultados para um painel de 11 países da área do euro, com base em dados trimestrais entre 1995 e 2013.<sup>48</sup> Esteves e Prades (2018) confirmam a evidência anterior com dados anuais de 1997 até 2014, argumentando que este efeito pode ser diferente entre os vários países, dependendo negativamente do nível de concentração setorial das exportações, o que permite explicar o menor sucesso do ajustamento da economia grega.<sup>49</sup>

Adicionalmente, os estudos acima mencionados apontam para que o efeito da procura interna nas exportações seja assimétrico, sendo maior e mais significativo quando a procura interna diminui. Este resultado sugere que uma recuperação da procura interna pode não implicar um efeito negativo nas exportações. Uma possível explicação para esta assimetria prende-se com a existência de incerteza e de custos de entrada enfrentados pelas empresas aquando da sua chegada a novos mercados, os quais podem contribuir para que as empresas não abandonem esses mercados aquando de uma retoma da procura interna.

Complementarmente a esta evidencia baseada em dados agregados, Esteves *et al.* (2018) exploram informação ao nível da empresa durante o recente período de crise económica e financeira. Doravante, a discussão baseia-se em Esteves *et al.* (2018) destacando-se os principais resultados obtidos com os dados microeconómicos.

### 3. Modelo e dados

Com base num modelo de concorrência monopolística de uma empresa que vende para os mercados interno e externo, as condições de maximização do lucro permitem definir uma função onde as receitas de exportação da empresa  $i$  no período  $t$  ( $X_{it}$ ) dependem da sua procura externa relevante ( $FD_{it}$ ) e, de uma forma não linear, do rácio entre a procura interna ( $DD_{it}$ ) e a procura externa, *i.e.*,

$$X_{it} = \alpha_{i0} FD_{it}^{\alpha_1} \left( 1 + \frac{DD_{it}}{FD_{it}} \right)^{\alpha_2} \quad (23)$$

Assim, a elasticidade das exportações face à procura interna converge assintoticamente para  $\alpha_2$  enquanto a elasticidade face à procura externa converge para  $\alpha_1 - \alpha_2$ .

<sup>48</sup> A Grécia foi excluída devido à falta de dados com periodicidade trimestral.

<sup>49</sup> O caso de um país exportador de petróleo é um exemplo muito simples e ilustrativo. Neste caso, as exportações de petróleo não dependerão do seu consumo interno, na medida em que esse consumo é tipicamente insignificante quando comparado com as exportações.

Os resultados econométricos baseiam-se no período compreendido entre 2009 e 2016. A informação referente às exportações por empresa resulta do apuramento das estatísticas de comércio externo do Instituto Nacional de Estatística (INE), considerando-se uma desagregação de oito dígitos.

A procura externa é calculada com base nas importações de 213 países, obtida da base de dados BACI com um nível de desagregação de seis dígitos da nomenclatura do Sistema Harmonizado. Essa informação é agregada de acordo com a importância relativa dos vários mercados nas exportações de cada uma das empresas. Deste modo, é calculada uma procura externa diferenciada para cada empresa, levando em consideração a sua especialização por produtos e mercados geográficos.

As vendas para o mercado interno são usadas como uma medida da procura nacional, sendo obtidas da Informação Empresarial Simplificada (IES), que também inclui muitas outras variáveis, nomeadamente o sector de atividade. A amostra contempla 3655 empresas num total de 19381 observações.

#### **4. Resultados**

De uma forma geral, os resultados confirmam a existência de uma relação negativa entre procura interna e exportações já identificada anteriormente com base em dados macroeconómicos. Nos anos mais recentes, as empresas reagiram às condições adversas do mercado interno através de um aumento das vendas para o exterior. Os resultados são robustos a amostras alternativas e a diferentes métodos de estimação. Mais ainda, a utilização de dados micro permite perceber melhor esta relação, que depende do sector de atividade e da dimensão da empresa.

Em primeiro lugar, refira-se que as elasticidades das exportações não são constantes, nem ao longo do tempo nem entre empresas (Figura 55). Em particular, dependem do rácio entre vendas nos mercados interno e externo. Naturalmente as exportações de uma empresa não deverão reagir à procura interna se essa empresa não vende para o mercado interno. Este resultado é igualmente consistente com o efeito acima referido relacionado com a concentração das exportações. Se as exportações estiverem muito concentradas num determinado produto, a importância das vendas internas pode ser muito pequena e logo o efeito desta realocação será irrelevante. A reação tenderá a ser maior quanto maior for a margem de realocação.

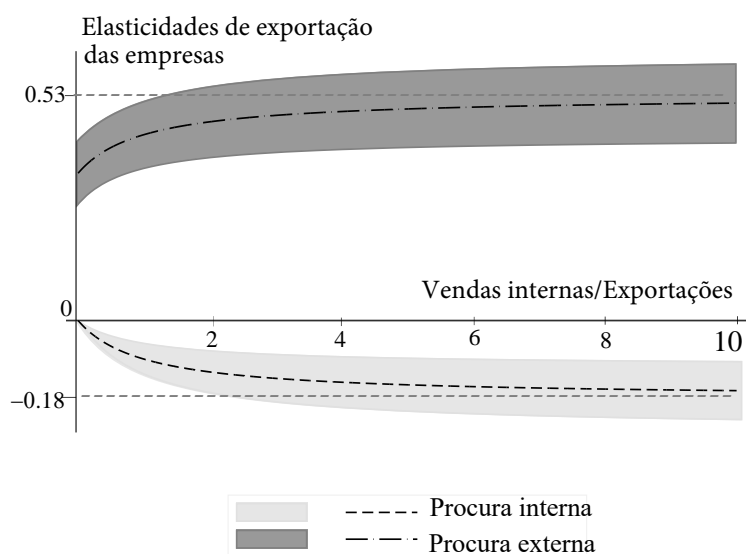


Figura 55: Estimativas das elasticidades das exportações

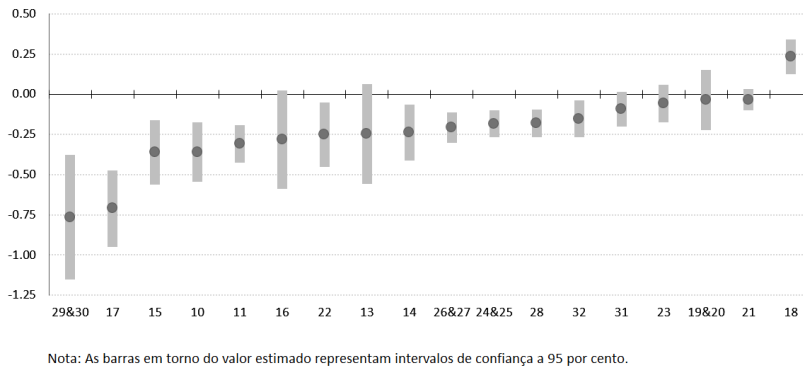
Fonte: Esteves *et al.* (2018).

Em segundo lugar, deve ser realçado que esta realocação das vendas depende do sector de atividade. O Figura 56a apresenta a estimativa do parâmetro subjacente à elasticidade das exportações em relação à procura interna ( $\alpha_2$ ) bem como o respetivo intervalo de confiança a 95 por cento, para 18 sectores da indústria transformadora. Os resultados apontam de uma forma generalizada para uma relação negativa entre exportações e procura interna. No entanto, entre os sectores onde esse efeito é estatisticamente significativo, a magnitude da estimativa varia substancialmente. Esta heterogeneidade realça a importância de se considerar a informação sectorial quando se procura compreender a evolução do total das exportações.

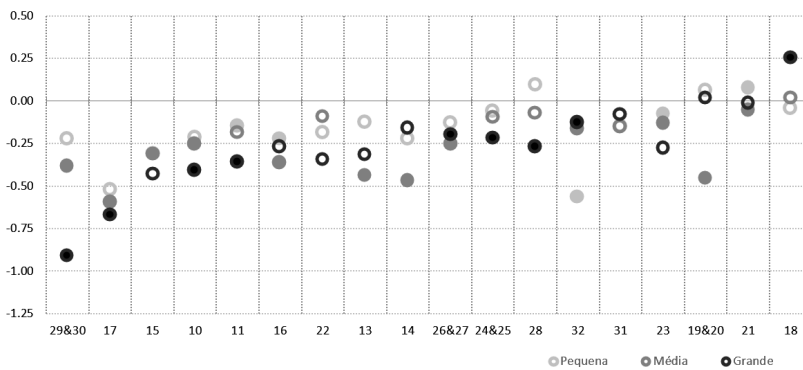
Finalmente, a importância da dimensão da empresa é também analisada para cada um dos sectores. Considerando os tercis da distribuição da dimensão da empresa (pequena, média e grande), a relação negativa entre procura interna e exportações parece ser maior e estatisticamente mais significativa para as maiores empresas (Figura 56b).

## 5. Considerações finais

Portugal atravessou uma crise severa durante os últimos anos. O programa de assistência económica e financeira ampliou os efeitos



(a) Estimativas por sector



(b) Estimativas por dimensão da empresa

Figura 56: Estimativas do parâmetro subjacente à elasticidade das exportações em relação à procura interna

Notas: Códigos da indústria: 10, Produtos alimentares; 11, Bebidas; 13, Têxteis; 14, Vestuário; 15, Calçado; 16, Madeira e cortiça; 17, Papel e produtos de papel; 18, Publicações e reproduções; 19 & 20, Combustíveis e químicos; 21, Produtos farmacêuticos; 22, Borracha e plástico; 23, Outros produtos minerais não metálicos; 24 & 25, Metais básicos e produtos de metais (exc. maquinaria e equipamento); 26 & 27, Computação, comunicações e material elétrico; 28, Máquinas e equipamento; 29 & 30, Veículos a motor; 31, Mobiliário; 32, Outras manufaturas.

Fonte: Esteves *et al.* (2018).

da recessão de 2008-2009 tendo a procura interna contraído de uma forma sem precedentes. Simultaneamente, as exportações registaram um crescimento substancialmente acima da procura externa, o que não é passível de ser explicado pela evolução da taxa de câmbio real.

Os resultados de investigação aplicada, quer com dados macroeconómicos quer com dados ao nível da empresa, sugerem uma reação significativa das empresas portuguesas. Face a um expressivo choque negativo, assistiu-se uma realocação de vendas do mercado interno para o externo. Os resultados também sugerem que esta realocação não será revertida, uma vez que as empresas não deixarão de apostar

nos mercados externos num contexto de incerteza e de custos de entrada que já foram suportados. Aliás, como referido em Banco de Portugal (2017), apesar do assinalável aumento durante o período mais recente, a economia portuguesa continua menos aberta do que outras com características similares (tais como área, tamanho e localização geográfica).

A reação das empresas portuguesas a um choque muito adverso revela uma assinalável capacidade de ajustamento face a novas condições. Em particular, a ocorrência de uma profunda deterioração do mercado interno acabou por resultar num tecido empresarial mais orientado para o mercado externo, levando a uma importante alteração estrutural da economia portuguesa. Esta alteração deve ser suportada e potenciada por forma a melhorar as perspetivas de crescimento económico.

### Referências

- Banco de Portugal (2017). “Grau de abertura da economia portuguesa: evolução recente e perspetivas.” Boletim Económico, junho, Banco de Portugal, 30-33.
- Blustein, Paul (2016). *Laid low: inside the crisis that overwhelmed Europe and the IMF*. Centre for International Governance Innovation.
- Bobeica, Elena, Paulo Soares Esteves, António Rua, e Karsten Staehr (2016). “Exports and domestic demand pressure: a dynamic panel data model for the euro area countries.” *Review of World Economics*, 152(1), 107–125.
- Esteves, Paulo Soares, Miguel Portela, e António Rua (2018). “Does domestic demand matter for firms’ exports?” Banco de Portugal Working Paper, no. 26.
- Esteves, Paulo Soares e Elvira Prades (2018). “Does export concentration matter in economic adjustment programs? Evidence from the euro-area.” *Journal of Policy Modeling*, 40(2), 225–241.
- Esteves, Paulo Soares e António Rua (2015). “Is there a role for domestic demand pressure on export performance?” *Empirical Economics*, 49(4), 1173–1189.
- Pinheiro, Maximiano (coord.) (1999). *Séries Longas para a Economia Portuguesa — Pós II Guerra Mundial, versão revista e prolongada para 1994 e 1995*. Banco de Portugal.